

CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Como em todo estudo efetuado sobre alguma temática, é preciso dar um final. Início este capítulo tomado por uma sensação de inquietude, que ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de um fim, mesmo que provisório, me remete à um sentimento de insegurança oriundo do convívio com a complexidade da temática, até porque não tive nenhum contato com estudos e publicações sobre *blogs* X gênero. Entretanto, a constante sensação de insegurança, logo se esvai, com a ancoragem na perspectiva teórica adotada e pela crescente produção em forma de pesquisa e também em estudos de pós-graduação, com o tema Internet.

Minhas tentativas de aproximação das perspectivas teóricas pós-estrutural e marxista, logo se exaurem, uma vez que apesar de iniciar minha trajetória acadêmica à luz do marxismo, os temas que me propus a examinar, logo se conflitam com o determinismo material.

O pós-estruturalismo permitiu-me entender como as verdades são produzidas por formações discursivas, apesar de empreenderem um esforço para fixar identidades estáveis e imutáveis, são passíveis de um processo desconstrutivo capaz de desestruturar seus alicerces, erguidos sob a égide do iluminismo.

O discurso constrói identidades em relações de poder expressas em práticas e instituições sociais. Como pude observar nas leituras realizadas sobre a escola e a Internet, ambas são palcos privilegiados da verificação das diferenças produzidas nesse processo relacional.

A partir de uma leitura dos processos de ruptura nos discursos que construíram o sujeito moderno, é possível identificar os principais deslocadores da identidade moderna, é foi aí que encontrei o princípio do meu foco analítico: o gênero.

A escola como local de exercício de poder, tem desde a modernidade cumprido um papel de destaque na diferenciação dos indivíduos. Através de sua

linguagem a escola tem constituído identidades de acordo com verdades inquestionáveis. A identidade do gênero feminino no meio escolar foi produzida socialmente e também reproduzida na lógica moderna de sujeito estável oposto ao modelo da razão, ou seja, sendo oposta de forma binária ao homem.

Apesar do discurso homogeneizador da escola, todos seus instrumentos, verificados por pesquisadoras/es pós-estruturalistas apontam para uma acentuação das diferenças entre gêneros, classes, raças, sexualidades e etnias. No caso específico desse trabalho, pude perceber que mesmo que as mulheres tivessem ocupado um determinado espaço social, na verdade esse espaço foi muito mais atribuído do que construído, ou seja, configuraram-se espaços femininos e a escola tratou de reproduzi-los.

Entretanto, ocorre neste contexto o advento da Internet. Novas tecnologias digitais de comunicação que expandam-se à uma velocidade nunca antes presenciada na história. Não há mais como ocultar as influências e o condicionamento que essas tecnologias impõem a sociedade. Mas não é só a sociedade em geral e o senso comum que são condicionados pelo conjunto das técnicas informacionais. O conhecimento e o pensamento, passam a experimentar uma nova transição na sua evolução, da oralidade a escrita, agora da escrita a hipertextualidade.

A articulação proposta por mim, entre as temáticas da Internet, educação e gênero, apresentou-se como uma tarefa bastante árdua para corporificar-se neste estudo. Mas, o que pude perceber é que as identidades de gêneros produzidas pela escola são fortes, pois são legitimadas sem discussão por uma sociedade patriarcal. Essas identidades de gênero encontram-se nos *blogs*, mas já não mais tão inflexíveis, pois as meninas começam a avançar as fronteiras que demarcavam o espaço a elas atribuído pela modernidade.

Internet e escola se contradizem, e como percebi pelas leituras realizadas, se a escola tem cumprido uma função conservadora, que não tem contribuído no avanço da formação de meninos/as livres de valores que desprezam as diferenças culturais, a *web* tem se apresentado como um espaço alternativo para que os/as adolescentes possam expressar, construir, negociar e fixar suas identidades de gênero. Seja através de listas de discussão de *e-mails*, *chats*, ou mesmo nos *blogs*, não há mais como ocultar a necessidade de compreendermos a Geografia do ciberespaço, e como ele e a as relações

humanas nele estabelecidas estão constituindo o sujeito e a sociedade pós-modernos.

Assim, é no mínimo preocupante a forma e a velocidade com que nossas escolas estão entrando na era digital. A passos muito lentos, as escolas estão sendo equipadas com laboratórios de informática, e a passos infinitamente mais lentos estão se interconectando a rede mundial de computadores. As políticas públicas são genéricas e limitam-se a justificar o adiamento da informatização das escolas, através das dificuldades de manutenção e financiamento, mesmo nas condições tecnológicas atuais.

Mas, a Internet é um fato, e a cada dia mais e mais adolescentes estão se interconectando através de seus computadores e estabelecendo jogos identitários. Os *blogs* são um exemplo, surgem como uma febre, atraindo milhares de adolescentes brasileiros. A cibercultura pressiona, estimula a participação e interação, e nesse sentido, os *blogs* apresentam-se como a possibilidade de localização cibernética, a casa virtual dos/as internautas.

E como um reflexo do real, o virtual também expressa delimitações nas identidades de gênero. Entretanto, nos *blogs* é notória a predominância feminina. Talvez por sua característica lembrar muito os diários e agendas utilizadas pelas meninas para guardar seus segredos. Mas, antes de estabelecer os *blogs* como um espaço isolado, um gueto feminino, é preciso mencionar que lá também estão os homens. E o que pude observar, e foi o foco de análise, é que as identidades de gênero na Internet, não são fixas, são maleáveis, mutáveis.

Essa flexibilidade permitiu-me observar que, diferente de uma visão essencialista, é preciso buscar as diferenças dentro de uma categoria analítica como o gênero, e não operar no sentido de apenas inverter a ordem hierárquica da relação homem/mulher. Não observei identidades fixas, mas sim tradicionais, que apesar de expressarem o que se espera delas socialmente, acabam em alguns momentos demonstrando hábitos, expressões e preferências divergentes daquelas que historicamente sempre lhes foram atribuídas.

Notória também a frequência de meninas com identidades totalmente descentradas, as quais chamei de pós-modernas, em função do caráter multifacetado de suas identificações. Essas meninas não se limitam a acatar os espaços que lhes são atribuídos, são contestadoras, são rebeldes, ironizam a

figura masculina e valorizam o feminino como elemento social ativo na concepção do mundo.

Destinar o olhar de uma forma analítica pós-estrutural sobre a identidade de gênero dos *blogs*, é examinar os diferentes locais de poder em que elas se constituem, e o que eles tem legitimado como verdades. Assim, pode-se operar um foco sobre as identidades de gênero na Internet, na escola, questionando como vem sendo construída a identidade da mulher pós-moderna? Qual papel é atribuído a cada gênero, sob a vigilância permanente do instrumental escolar? Onde está a mulher no ciberespaço? A mulher virtual é a mesma mulher real? Qual é o lugar da mulher na sociedade pós-moderna? A mulher moderna está morta?

Essas são questões que não tive a pretensão de responder definitivamente, pois elas estão permanentemente em aberto, uma vez que as várias forças que atuam sobre o sujeito, colocam as respostas sob uma necessária e constante análise. As identidades são fluidas e desterritorializadas, tendendo a ter acentuadas essas características com o avanço de novas tecnologias de comunicação e multimídia.

Encerro esta pesquisa ciente das implicações teóricas, da utilização da perspectiva pós-estruturalista como ferramenta analítica, principalmente por sua contemporaneidade e possibilidades de produzir um conhecimento dinâmico que no caso deste trabalho, permitiu-me entender como pode-se questionar o papel de cada individuo na sociedade, sejam homens ou mulheres, negros/as ou brancos/as, trabalhadoras/es ou burgueses/as, e como foram destinados a esses seus locais de circulação.

Através da articulação das temáticas, foi possível apreender as identidades produzidas nos *blogs*, pude decodificar e desconstruir os discursos que remetem a mulher à uma posição de inferioridade sexual, intelectual, social e econômica dentro de uma sociedade que legitima-os através de relações binárias polarizadas e dadas como naturais.

As instituições e práticas sociais de uma sociedade configurada através da ordem econômica têm servido para legitimar formações discursivas de uma cultura dominante. Essa sociedade sempre utilizou-se de instrumentos eficazes, entre eles a escola, para produzir identidades sociais dóceis a consolidação de suas políticas.

É preciso um olhar mais criterioso sobre o fenômeno da digitalização do cotidiano, em especial da expansão da Internet, que pode estar consolidando-se como contraponto alternativo a estas instituições e práticas sociais. É preciso imprimir conotação política ao espaço social e cultural da mulher, seja na escola, seja na Internet, pois, sua identidade de gênero, é também de classe, raça, etnia, e é construída e atravessada por relações de poder.